

Como a cooperação internacional impulsiona mulheres na ciência



Em 11 de fevereiro, é celebrado o Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência. Uma iniciativa da Unesco e ONU Mulheres, instituída em 2015, pela Assembleia das Nações Unidas. O objetivo é destacar o papel feminino na sociedade e promover a representatividade de gênero nas áreas da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM, na sigla em inglês).

O reconhecimento internacional de uma questão social é um chamado à ação, alertando para a necessidade de enfrentarmos, de forma colaborativa, desafios globais como a equidade de gênero e as mudanças climáticas.

No texto de hoje, vamos falar sobre a importância da construção de redes e a cooperação internacional quando o assunto é mulheres na ciência. Continue a leitura!

Juntas vamos mais longe

“A ciência e a pesquisa científica são essenciais para o progresso da humanidade, pois oferecem as ferramentas necessárias para compreender o mundo e resolver problemas coletivos”. Essa visão, refletida nas contribuições da química Rosalind Franklin (1920 - 1958), destaca o papel central da **ciência como catalisadora de mudanças**, tanto no avanço do conhecimento, quanto na criação de soluções práticas para desafios globais.

O esforço científico conjunto é essencial para enfrentar as complexidades do mundo atual. No âmbito social, **a cooperação amplia a diversidade de perspectivas**, promovendo ambientes mais inclusivos e favoráveis à inovação. Já no campo científico, ela transcende fronteiras geográficas e políticas, permitindo que pesquisadores compartilhem dados, infraestrutura e equipamentos de ponta. Esse intercâmbio fortalece redes de conhecimento e impulsiona descobertas.

Iniciativas que fazem a diferença

Um estudo do projeto *Gender STI*, coordenado pela Universidade Politécnica de Madri, analisou 528 acordos de cooperação internacional em ciência, tecnologia e inovação (CTI), firmados entre 1961 e 2021. A pesquisa, abrangendo 16 países de quatro continentes, revelou que apenas 15% desses acordos abordavam questões de gênero ou demonstravam preocupação com a equidade em projetos de pesquisa financiados.

Apesar desse cenário, os dados indicam avanços significativos a partir de 2015, com um aumento na inclusão de cláusulas voltadas à participação feminina. Países como Canadá, Índia e África do Sul se destacaram por incorporar diretrizes de equidade em seus acordos, promovendo a inclusão de mulheres em projetos científicos e garantindo a presença de lideranças femininas nas negociações diplomáticas.

Um exemplo de iniciativa bem-sucedida é o programa Mulheres na Ciência, do British Council, que busca melhorar as condições para mulheres pesquisadoras e conectar cientistas brasileiras a instituições do Reino Unido. Um deles foi o *UK-Brazil Gender Equality Partnership (2021 - 2022)*, que visava promover o desenvolvimento de capacidades de instituições brasileiras a partir de parcerias com instituições britânicas certificadas pela *Athena Swan Charter*, quadro referencial usado mundo afora para apoiar e transformar equidade de gênero em instituições de ensino superior e pesquisa.

A iniciativa envolveu 15 instituições do Reino Unido e 35 do Brasil, resultando na criação do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil, que foi lançado em outubro de 2022. O documento, disponível para [download gratuito](#), oferece propostas adaptáveis ao contexto de cada instituição, focando especialmente em mulheres negras, indígenas e outros grupos marginalizados. Assim, ele busca padronizar e monitorar a implementação de medidas que favoreçam a participação feminina na ciência.

O projeto *Messenger*, uma parceria entre a *Durham University* (Reino Unido), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), promoveu mentoria para cientistas mulheres e valoriza a diversidade cultural na ciência, mostrando como redes internacionais podem contribuir para o avanço acadêmico e profissional das mulheres no setor científico.

Um caminho para a igualdade na ciência

Iniciativas como essas representam um compromisso coletivo com o progresso e a equidade no acesso às oportunidades. **Com a diminuição das barreiras geográficas, as redes colaborativas se tornam vitais para semear a inovação.**

Para as mulheres na ciência, essas conexões são transformadoras. Programas de intercâmbio e parcerias institucionais não só ampliam o acesso a recursos e

financiamento, mas também fortalecem a visibilidade das lideranças femininas em diferentes áreas do conhecimento. Como disse a biomédica Jaqueline Goes de Jesus, coordenadora da equipe responsável pelo sequenciamento do genoma do vírus SARS-CoV-2, “investir em Ciência não é somente investir em cientistas individualmente, mas nos benefícios que a Ciência traz para a sociedade, pois os cientistas compartilham conhecimentos que beneficiam a todos”. Dessa forma, **incluir a equidade de gênero nas agendas de pesquisa orienta a ciência para um caminho mais representativo e eficiente.**

A transformação do cenário científico depende de iniciativas que fortaleçam redes de apoio, garantam oportunidades para mulheres e promovam mudanças estruturais. Ao conectar pesquisadoras a universidades e centros de pesquisa em todo o mundo, o programa Mulheres na Ciência se consolida como uma força propulsora da equidade de gênero no meio acadêmico e científico.



Se você acredita na importância da cooperação internacional para a equidade na ciência, compartilhe este artigo e ajude a fortalecer essa rede de conhecimento e inclusão!

Por Latinocêntrica
Programa Mulheres na Ciência
British Council
www.britishcouncil.org.br

Abril, 2025